

## ÉLIE STÉPHENSON, UM ESCRITOR 'MUNDO-ILHA'

### RESUMO

Élie Stéphenson é, sem dúvida, um dos mais expressivos autores da literatura da Guiana Francesa na contemporaneidade. Trata-se de um homem de múltipla capacidade criadora que passeia por gêneros distintos, como poesia e prosa, teatro e literatura para crianças e jovens, alcançando leitores de faixas-etárias diversas. Em 2020, teve o conjunto de sua obra recompensada com o Prêmio *Carbet de la Caraïbe et du Tout-Monde*. Neste artigo, apresento elementos que apontam para um autor que pode ser entendido como um 'mundo-ilha', noção emprestada de Ottmar Ette (2018), entendendo que hoje já não há mais espaço para se pensar em territórios estáticos, haja vista as transformações sociais terem derrubado as barreiras geográficas, alcançando o mundo. Então, ler a literatura de Stéphenson é ver, na prática, o polilógico na produção de um guianense que escreve sobre revoltas e florescimentos (Juminer, 2022); ele é um escritor 'mundo-ilha', pois para além de ser um autor, é também um ativista da língua crioula guianense, o que reflete o seu posicionamento como homem guianense e que ecoa na obra que enfatizo neste artigo, a peça teatral *La nouvelle légende de D'Chimbo*, (2004)

**Palavras-chave:** Élie Stéphenson; mundos-ilhas; *D'Chimbo*.

## ÉLIE STÉPHENSON, UN AUTEUR 'ILE-MONDE'

### Résumé

Élie Stéphenson est sans doute l'un des auteurs les plus expressifs de la littérature guyanaise de l'époque contemporaine. C'est un homme aux capacités créatives multiples qui explore différents genres, tels que la poésie et la prose, le théâtre et la littérature de jeunesse, atteignant des lecteurs de différents groupes d'âge. En 2020, l'ensemble de son œuvre est récompensé par le *Prix Carbet de la Caraïbe et du Tout-Monde*. Dans cet article, je présente des éléments qui pointent vers un auteur qui peut être compris comme un « monde-île », une notion empruntée à Ottmar Ette (2018), comprenant qu'il n'y a plus aujourd'hui d'espace pour penser les territoires statiques, compte tenu que les transformations ont brisé les barrières géographiques, atteignant le monde. Ainsi, lire la littérature de Stéphenson, c'est voir, en pratique, le polylogique dans la production d'un Guyanais qui écrit sur les révoltes et les épanouissements (Juminer, 2022) ; c'est un écrivain « monde-île », car en plus d'être auteur, c'est aussi un militant de la langue créole guyanaise, ce qui reflète sa position d'homme guyanais et qui trouve écho dans l'œuvre que je souligne dans cet article, la pièce théâtrale *La nouvelle légende de D'Chimbo*, (2004).

**Mots-clés:** Élie Stéphenson; mundos-ilhas ; *D'Chimbo*.]

## ÉLIE STÉPHENSON, AN 'ISLAND-WORLD' WRITER

### Abstract

Élie Stéphenson is undoubtedly one of the most expressive authors in French Guiana's contemporary literature. He possesses multiple creative capacities and explores various genres, including poetry, prose, theater, and literature for children and young people, thus reaching readers of different age groups. In 2020, he was honored with the Carbet de la Caraïbe et du Tout-Monde Prize, recognizing his body of work. In this article, I present elements that illustrate Stéphenson as an author who can be understood as an "island world," a concept borrowed from Ottmar Ette (2018). This perspective acknowledges that static territories are no longer viable in today's world, as transformative processes have dismantled geographical barriers and connected us globally. Reading Stéphenson's literature allows us to witness the polylogic in the production of a Guyanese writer who explores themes of revolt and growth (Juminer, 2022). He embodies an "island-world" writer, not only as an author but also as an activist for the Guyanese Creole language. This commitment reflects his identity as a Guyanese man and resonates throughout his work, including the play I emphasize in this article, *La nouvelle légende de D'Chimbo*, (2004).

**Keywords:** Élie Stéphenson; mundos-ilhas; *D'Chimbo*.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

### Les Revenants

Après des exils  
 en longueur différents  
 ils reviennent au pays  
 rigides... cassés.  
 Ils brodent en soupir  
 leurs déboires là-bas  
 le cristal de leurs rêves  
 et l'amour du « terroir ».  
 Le mal du pays a blanchi leur moustache  
 ils parlent de Nous à gestes lointains  
 avec dédain des amants délaissés  
 l'amertume en leur cœur  
 a creusé un tombeau<sup>1</sup>  
 (Elie Stéphenson, 1979, p. 21)

Pensar um mundo globalizado tão discutido no primeiro decênio deste século parece ser um tema, por assim dizer, esgotado; isto, porque com a evolução dos meios de comunicação, -acentuando-se o papel (in)questionável das redes sociais e plataformas digitais, como caminhos de aproximação de distantes-, as relações estão bem mais acessíveis que há alguns anos. Não obstante todo o avanço tecnológico nas comunicações, mesmo nos nossos dias, ainda se observa, por vezes e com certa nitidez, que há pessoas que parecem ainda habitar em pequenas ilhas, dado o fato de centrarem-se em si mesmos, esquecendo que a famosa aldeia global é uma realidade incontornável.

Do nosso ponto de vista, essa realidade é, comumente, alimentada por pessoas que em uma evidente resistência à quebra de barreiras culturais, e como consequência disso, das barreiras linguísticas, dentre outros comportamentos, são avessos ao mundo atual. Tal fato contribui de forma determinante para a formação 'pessoas-ilhas', aquelas que, mesmo diante de tanta possibilidade de expansão, se cercam nas suas próprias certezas, deixando de lado a perspectiva da ampliação de horizontes linguísticos e culturais.

Dentro desse quadro, os movimentos migratórios constituem-se, muito provavelmente, em uma das princi-

pais razões para ultrapassar barreiras, ultrapassando-as quase "naturalmente"; todavia, é válido ressaltar que durante muitos anos e mesmo séculos, os movimentos humanos foram forçados, como é o caso da escravização negra, mas também outros tipos de escravização como o da colonização. Os movimentos de diáspora, deslocando e exilando seres humanos, datam de séculos; e, voltar para as origens pode ser, por vezes, um misto de sonho e pesadelo, como se lê nos versos de Élie Stéphenson, na epígrafe destas considerações iniciais. Uma das reverberações desses deslocamentos humanos resulta na diversidade cultural e linguística, contribuindo para transformações socioculturais, até mesmo, nas 'pessoas-ilhas'.

Essa noção de 'pessoas-ilhas', tomo emprestado do conceito de "mundo-ilhas", (colocado no título deste artigo), do catedrático de Literaturas Românicas da Universidade de Potsdam, na Alemanha, Ottmar-Ette (2019), -com sólidas bases no pensamento glissantiano-, apresenta importantes reflexões sobre os desafios polilógicos e as dimensões culturais da literatura do mundo. O pesquisador apresenta ao leitor o projeto literário da *Coolitude*<sup>2</sup> e o informa que esse projeto cultural nasceu nas Ilhas Maurício, nos anos de 1980, e vem sendo desenvolvido em inglês e francês, prioritariamente, além de outras línguas regionais do Oceano Índico. Ressalte-se que esse projeto cultural é realizado nas ilhas do Índico e nas ilhas caribenhas, espelhando um laço entre esses arquipélagos mesmo distantes. Por que um festival cultural das Ilhas Maurício repercute nas Antilhas e vice-versa? Que elemento(s) aproximaria(m) essas ilhas?

Esses espaços geográficos têm origens distintas; e, os movimentos migratórios, a pluralidade cultural e literária podem ser respostas a essa questão. Ette (2019, p. 22) afirma que "[...] teoria e práxis poética da *Coolitude* significam muito mais do que a história, por tanto tempo como que submersa, esquecida e excluída pela história metropolitana[...]". Nesse contexto, o catedrático ressalta ainda que dentro do movimento migratório que esses povos nomeados *Coolies*, vindos de diversas partes da Ásia, tais como Índia, China e outras, "tinham sido raptados como trabalhadores baratos, assalaria-

dos, ou contratados, no planeta todo, numa fase de globalização que há muito se tornou histórica entre o final do século XIX e o início do século XX” (Ette, 2019, p. 22). Novamente retomo o poema *Les Revenants*, de Élie Stéphenson, pois o vejo como emblemático para se compreender o seu projeto literário, haja vista ser um autor engajado socio linguisticamente, de uma lírica que revela um dos mais importantes autores da Guiana Francesa hoje. Prosseguindo na reflexão sobre as semelhantes características de povos geograficamente distantes, significativas aproximações são evidentes entre povos da Ásia e das Américas, como a Guiana Francesa que, ainda hoje, parece viver sob a cicatriz da colonização, embora a situação na qual se encontra não pareça ser conflituosa em relação à Metrópole.

Cabe lembrar que, historicamente, o procedimento de escravização e de colonização foi o mesmo para os dois arquipélagos citados: na América Central, no oceano Atlântico, e nas Áfricas líquidas ou oceânicas (Vergès, 2017), no Índico. Tanto nas Ilhas Maurício, Reunião, Madagascar, Mayotte e nas outras ilhas africanas, quanto no Caribe, a diversidade linguística revela a pluralidade de povos oriundos de países diversos. A ressalva fica para o fato de a colonização nas Antilhas estar diretamente ligada à presença europeia, afinal, não somente países conhecidos historicamente como colonizadores, como Inglaterra, França e Espanha, mas também, a Dinamarca e a Holanda apoderaram-se de ilhas no Caribe. Enquanto naquela região do continente africano, a maior presença, para além da Europa, é de povos asiáticos, em especial, da China e da Índia.

A presença colonizadora tanto do lado oriental, quanto do lado ocidental do nosso planeta, foi e ainda é algo marcante, deixando chagas, que provavelmente demorarão a ser curadas. E um dos caminhos para o tratamento desse terrível legado é, por certo, a literatura; e, provavelmente, por essa razão, o projeto *Coolies* é tão importante para as populações dessas duas regiões, mesmo distantes:

Na literatura de *Coolitude*, Khal Torabully, deparamo-nos com um mundo no qual uma *história do movimento* carregada de veto-

res há muito tomou o lugar de uma história espacial. Aqui não há delimitações territoriais definidas, mas sim fronteiras que se reconfiguram constantemente. Os conceitos estáticos de territorial, continental e contínuo estão sendo transformados pelas formas de pensar de um movimento irrefreável, a partir do qual mobilidades constantemente novas, “mundos-ilhas” que abarcam o planeta inteiro e descontinuidades onipresentes possibilitam uma nova compreensão dos atuais fenômenos, tanto nas literaturas quanto nas culturas. Tudo está em constante movimento: as pessoas, as línguas, a fronteiras, as culturas (Ette, 2019, p. 22; *itálico do autor, aspas nossas*).

Desse ponto de vista, entendo o escritor guianense Élie Stéphenson como um dos expoentes desses “mundos-ilhas”, pois a despeito do fato de ter nascido e viver na Guiana Francesa, Stéphenson é um escritor que dá vida a esse mundo cujas fronteiras, inevitavelmente, não têm delimitação, estão se movimentando; se moldando. E como um grande escritor que é, ele acompanha esse curso da história. O vejo como esse autor “mundo-ilha”, uma vez que com seu engajamento político e social diverge completamente das ‘pessoas-ilhas’, fechadas em si mesmas.

Considerando esse autor como uma potente expressão da literatura guianense, neste artigo, faremos um passeio pela obra de Élie Stéphenson a fim de ressaltar as razões que me fazem vê-lo como esse ‘autor mundo-ilha’. Assim, em um primeiro momento, destacamos a diversidade da sua produção literária, que vai de literatura para crianças e jovens até o teatro altamente engajado, passando por uma política linguística que valoriza o crioulo guianense. Por isso, a presença dele na literatura sem territórios definidos é fundamental e incontornável, haja vista esse movimento ser irrefreável. Stéphenson é um ‘autor mundo-ilha’, pois se move com constância; para ele, não há nem fronteiras linguísticas nem culturais, a sua literatura é onipresente e universal. Concentramos as ponderações na peça teatral *La nouvelle légende de D’Chimbo*, edição de 1996; pois, a vemos como um texto emblemático que revela (quase) todo o pensamento e engajamento de seu autor e dis-

cuto questões ligadas à colonização, pela ótica de Albert Memmi e seu *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador* (2020); e, evidentemente, pelo olhar dos *Condenados da Terra*, de Frantz Fanon (*Os condenados da Terra*) e ainda de Césaire (2020) e o seu *Discurso sobre o colonialismo*. Dentre um dos principais elementos a destacar nessa edição de *La nouvelle légende de D'Chimbo* é o fato de ser construída em francês e crioulo, sem deixar de destacar o fato de ter como protagonista uma personagem mitológica da Guiana Francesa, o “malfeitor” *D'Chimbo*.

## UM ESCRITOR MÚLTIPLO

Autor da tese *Contribution à l'étude des problèmes théoriques et politiques des pays à petites dimensions: le cas de la Guyane*, defendida na Universidade da Picardie, na França, nos anos de 1970, Elie Stéphenson tornou-se professor na Universidade das Antilhas e da Guiana. No entanto, desde cedo, escreve obras literárias; caenense de nascimento, o escritor é um artista múltiplo, assim diz o seu tradutor brasileiro: “De estudante a professor, de ator a dramaturgo, de poeta a cantor, de contador de histórias a romancista, a obra deste homem múltiplo é enorme. Stéphenson, desde a sua juventude, segue os passos do grande autor da Negritude Léon-Gontran Damas” (Silva-Reis, 2022, p. 101). Na antologia poética traduzida para o português por Dennys Silva-Reis, *Catacumbas de Sol* (2022), o leitor brasileiro tem a oportunidade de ser diretamente tocado por essa lírica de risos e dores, como afirma Bertème Juminer (2022), no prefácio da referida antologia poética. A obra coloca diante do leitor poemas como este que está na epígrafe, anteriormente citado; mas, também de versos revelam um poeta engajado por uma real liberdade de seu “país”, assim como a expressão de um grande amor pela Guiana Francesa, como nos poemas *Terra-vida*, *Narcose*, *Caribe* e muitos outros em que se vê esse apego à terra-natal.

É também descrito como poeta delicado, terno e amoroso, assim afirma Kathleen Gyssels (2023):

Élie Stephenson, poeta delicado, de voz quebrada devido a problemas de saúde, é tão terno

e apaixonado pelos versos que pode se desencadear quando escolhe o palco como meio de expressão. Dramaturgo revolucionário, violento, dessa violência damassiana que afirma ser o portador da “tocha de resina”. Trabalhou ao lado de Mandela, Amílcar Cabral (*Como gotas de sangue*), Che, Lumumba e outros “heróis do povo” (*La conscience du feu*). Stéphenson não se importaria de publicar em espanhol.<sup>3</sup> (Gyssels, 2023).

Esse homem que não se importaria em publicar em espanhol é também uma voz que ecoa em meio a outras vozes de autores e autoras latino-americanos que buscam uma América Latina mais próxima, que dialogue mais. O próprio Stéphenson ressalta seu ponto de vista em uma entrevista concedida à Rodrigo Ielpo e a François Weigel (2022, p. 262), ao dizer que, de certa forma; isto é, por questões que estão diretamente ligadas à colonização, a Guiana Francesa fica isolada do restante do continente, afirmando assim: “Pois, esta apropriação da Guiana pela França, que vem durando desde o século XVII, nos isola completamente do resto da América Latina”.

O dramaturgo de violência damassiana, - por ser, de certa forma, um herdeiro do também guianense e um dos pais do movimento da Negritude, de Léon-Gontran Damas -, é dono de uma poética que queima com a sua tocha de palavras, tais como se lê no poema *Fogos sobre a savana*, na antologia poética *Catacumbas do Sol* (2022):

[...]  
 está agradável perto do rio  
 está agradável na selva  
 então acenda  
 os grandes fogos de fumaça  
 os grandes fogos de savana  
 os grandes fogos de amizade  
 está escuro no ódio  
 está escuro na necrópole  
 [...]<sup>4</sup>  
 (Stéphenson, 2022, p. 19)

Não é difícil identificar a tal violência nos versos “então, acenda”; “está escuro no ódio” e “está escuro na necrópole”, além de palavras como “agradável”, “amizade”,

assim como é fácil perceber o pensamento do filósofo camaronês Achille Mbembe (2018), que ao dialogar com o filósofo italiano Giorgio Agamben e com o francês Foucault, chega às reflexões do seu *Necropolítica*, discutindo sobre o direito de matar, que durante muito tempo o colonizador teve sobre o colonizado. Para Mbembe, seja do ponto de vista do Holocausto ou da Revolução Francesa houve, por assim dizer uma ‘democratização’ dos homicídios; mas, a estrutura econômica que gerou e geriu a escravidão nas plantações de cana de açúcar e de outras culturas, estrutura conhecida como ‘plantations’ aponta para uma tripla perda.

Do ponto de vista da escravização negra, no sistema das ‘plantations’ mais do que se vê nas outras (Holocausto e Revolução Francesa), aqui o homem e a mulher escravizado.a.s têm usurpados o seu lar, seus direitos sobre seu corpo e o seu estatuto político, o que faz dele um morto-vivo. Pode parecer anacrônico citar o pensamento de Mbembe (2018) para um texto publicado no final dos anos de 1970. Entretanto, a poética “violenta” de Stéphenson é emblemático da revolta de muitos autores, autoras e pessoas comuns que se debruçam sobre o tema da escravização, entendida como uma chaga humana que ainda hoje é tema de debates. O próprio filósofo camaronês afirma em seu *Biopolítica*, que:

Qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão, que pode ser considerada uma das primeiras instâncias da experimentação biopolítica. Em muitos aspectos, a própria estrutura do sistema de colonização e suas consequências manifesta a figura emblemática e paradoxal do estado de exceção. (Mbembe, 2016, p. 130)

Quando discute a escravização como uma das “primeiras instâncias da experimentação biopolítica”, o filósofo reforça quão danosa foi essa estrutura da colonização. Daí, portanto, não se poder deixar de lado o pensamento de Césaire (2020) ao afirmar no seu *Discurso sobre o colonialismo* que a Europa é indefensável, pois para ele: “Uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que seu funcionamento provoca é uma civilização decadente”<sup>5</sup> (Césaire, 2020, p. 9).

Para além desse autor duro, que mostra em seus poemas o quanto o povo foi submetido a essa necropolítica, biopolítica, Stéphenson é também autor de literatura para crianças e jovens leitores. É criador de contos, poemas e teatro com foco no público infantil e jovem. No gênero narrativas curtas com foco nesse público, cito os contos *Jean Sanfou et la princesse Beldjal*, *Chipoulou*, *Wasebo*, *La rivière empoisonnée*, narrativas que mesclam tradição oral e atualidade. No caso destes contos, a publicação foi encomenda da ADEME (*Agence de L'environnement et de la Maîtrise de l'Énergie*), logo se pode constatar o quanto é forte o engajamento desse autor; nesse caso, pelo meio-ambiente. Os livros foram distribuídos nas escolas guianenses para que as crianças pudessem ler e serem sensibilizadas a uma conscientização sobre o uso dos bens naturais. No caso do *Jean Sanfou et la princesse Beldjal*, conta-se a história reino de Pamelês, de um país nem rico, nem pobre; nem grande, nem pequeno governado por Jean Sanfou. Segundo o narrador, a narrativa:

É uma história tão antiga quanto o mundo. Mais velho até do que o mundo, pode-se dizer. Porque na época em que isso acontece, o próprio diabo ainda era apenas um recém-nascido.

Mouché krik! Mouché Krak!

Sa zandoli ka pohé? Fo koll!<sup>6</sup>

(Stéphenson, 2004, p.1)

Nessa história tão antiga, que o diabo ainda era um recém-nascido, como diz o narrador, temos personagens com nomes ‘curiosos’, como o próprio protagonista, que dá título ao conto, Jean Sanfou; quanto o seu vizinho, o tirano Paul Netói, obcecado por limpeza, pois tinha horror a micróbios e às doenças; não queria ver nenhuma poeira naquele povo chamado *Pol Propre*. Enquanto isso, o povo do reino de Jean Sanfou era grande perdulário das riquezas naturais, usando abundantemente água e outros bens sem a menor preocupação com a possibilidade da sua extenuação; esse reino dos Pamelês (pas melês), era isolado muito provavelmente por ser sujo e fedorento e, mesmo as suas deslumbrantes e belas praias estavam destruídas por toda sorte de imundície. No entanto, a princesa do reino

vizinho Beldjal, bela e gentil, buscou aproximar-se de Jean Sanfou, que não era feio, ao contrário, mas, vivia nesse reino (quase) inabitável e não tinha um posicionamento firme para com o seu povo a fim de levá-los à conscientização.

Diante de uma princesa tão linda e delicada, Sanfou custou a crer que ele havia sido escolhido, quando ela diz: “Não te importes, belo príncipe, não posso me casar com um homem que maltrata a natureza, a danifica, a degrada e assim despreza a herança natural que os antepassados lhe legaram”<sup>7</sup> (Stéphenson, 2004). Sem saber que havia caído nos encantos de Sanfou, a princesa promete cuidar do patrimônio natural que seria dela também. Nessa fala da princesa Beldjal encontramos a chave para o respeito ao meio ambiente e para o poeta consciente de seu papel social não somente contra a escravização e a colonização, mas, também pelo respeito à natureza.

Além desses contos feitos sob encomenda, também publicou para os leitores jovens e crianças, a peça teatral *Le Défi de Babouno, Kan ti moun ka jwé e Félix Eboué* e os poemas da antologia: *Poèmes négro-indiens aux enfants de Guyane*. Um aspecto de necessário destaque são os termos utilizados nas narrativas orais da Guiana Francesa, inseridas no conto, pois não se pode olvidar que esse é um autor que publicaria em espanhol, e escreve em francês e valoriza o crioulo guianense, mostrando às crianças que a língua deve ser também um espaço de orgulho da guianidade, haja vista que

[...] a identidade guianense é fluida, mutável, diversa e nômade. Os diferentes povos – e consequentemente os autores que compartilham esse espaço e tentam percebê-lo, discerni-lo e lançar uma luz sobre ele – estão, de alguma forma, se relacionando por meio da linguagem (escrita e oral) a partir do seu modo de ser e estar em partilha no espaço guianense (Silva-Reis, 2021, p.85; itálico de Silva-Reis).

Antes, porém, de concluir estes apontamentos sobre esse autor múltiplo e ainda no cerne desse sentimento de guianidade, destaco o músico Élie Stéphenson que, nos anos de 1970, juntamente com amigos

criou o grupo *Les Neg'Marrons*. Esse foi um grupo que refletiu bastante do engajamento linguístico de Stéphenson, bem como todo o seu engajamento socio-político, percebido desde o nome dado ao grupo, em que se vê a luta contra a escravização negra, vendo-se também a resistência no termo marron. O grupo musical, ao lado de Stéphenson, tinha objetivos claros:

1. Seus cantos inicialmente celebram a revolta do negro quilombola (Simão, Pompeu, por exemplo, que será discutido na Nova Lenda de D'Chimbo e Massak) que mostraram, por sua coragem, o caminho para a liberdade. Damas, cuja foto domina a capa do seu único disco (um 45 rpm) e ao qual dedicam várias canções, é o seu modelo, o seu pai espiritual.
2. Os Nèg'marrons celebram a Guiana tradicional, camponesa e solidária, mas também suas origens africanas, que se escondem neste período em que se fala muito da antilhanidade e da crioulide.
3. Como Stéphenson, em sua poesia e em seu teatro, “levantar a Guiana” deve ser a preocupação de todos, e isso requer a tomada de consciência dos guianenses como povo. Os Nèg'marrons esperam que a Guiana, “país de nada” (pensemos na peça *Un rien de pays*), mudará “quando o povo se conscientizar, quando se levantar”.
4. Os Nèg'marrons convidam também os guianenses a regressar ao país, alusão a todos aqueles que, depois dos estudos, preferiram ficar na França ou trabalhar na administração em África... Este é o tema da canção *Vié frèr* (literalmente: irmão mais velho), mas também o da peça *Les Voyageurs*<sup>8</sup>. (Ndagano, 1996, p.13).

Seja para celebrar a revolta do negro que conquistou a sua liberdade a custas de sangue, seja para celebrar a Guiana tradicional, de origem africana, ou como contributo para a tomada de consciência do povo desse “país de nada” ou mesmo para chamar de volta à terra natal aqueles que saíram para estudar na França, os Nèg'marrons tiveram um papel fundamental nos anos de 1970. Esse clamor da língua crioula ao lado da francesa é emblemático nessa luta por espaço em todas as

áreas dos guianenses; pois, a própria língua francesa espelha a força do colonizador sobre o colonizado, contexto em que se vê claramente o papel de Stéphenson. O grupo Nèg'marrons não exerce a mesma atividade de anos atrás até porque os membros não têm a mesma idade de há cinquenta anos, quando saiu mundo afora em homenagem à Léon-Gontran Damas. Ainda hoje, facilmente, é possível identificar vídeos do grupo em sites e canais especializados em música.

É com esse espírito de guianidade que Stéphenson publica a peça sobre uma das personagens mais marcantes da história e da cultura da Guiana Francesa, *D'Chimbo*. Assim, deixo marcado nestas reflexões, o poeta delicado e contista consciente e passo, na sequência, para o dramaturgo revolucionário, uma vez que apresentar um ponto de vista diferente do que foi arraigado na cultura guianense é ser renovador, vanguardista, insubmisso, mas, transformador.

### **ÉLIE STÉPHENSON, UM DRAMATURGO LIRICAMENTE REVOLUCIONÁRIO, O CASO DE D'CHIMBO**

Mesmo levando-se em conta o fato de o autor em estudo ainda ter poucas obras acessíveis ao público brasileiro, mesmo em língua francesa, opto aqui por trazer uma de suas peças que, do meu ponto de vista é um texto bastante representativo da sua dramaturgia, *La Nouvelle Légende de D'Chimbo*, (de 1984). Trata-se de uma peça que figura entre outras, como uma arma política, conforme diz em entrevistas a Rodrigo Ielpo e a François Weigel (2022). As demais obras dramáticas de Stéphenson, são: *Un Rien de pays* (1976), *La Route* (1978), *Les Délinters* (1978), *Kan ti moun ka jwé* (1984), *La Nouvelle légende de D'Chimbo* (1984), *Félix Eboué* (1985), *Mèt Elfèg Toti tro malen* (1986), *La Terre* (1988), *Placers ou L'Opéra de l'or* (1990), *Massak* (1991).

O mais conhecido crítico de Stéphenson é J.-M. Ndagano, prefaciador da obra em discussão, ele a apresenta em linhas gerais, -mas muito claras-, a importância dessa peça no conjunto da obra do autor, ressaltando o seu valor social, histórico, linguístico e literário. Rei-

te-se que o autor é um revolucionário, a partir de seus estudos, mas Ndagano (1996) nos lembra que:

É bastante óbvio que o tom, e por vezes a violência da palavra, a qual não estávamos habituados, certamente atraiu um grande público nas salas; mas também, ao dramaturgo, uma imagem de escritor revolucionário. Infelizmente, é esta única imagem do escritor comprometido e revolucionário que permaneceu na concepção de seus compatriotas. Mas para além desta escrita engajada, há o talento poético que já se teria percebido em seus livros de poesia e que se encontrará no seu teatro<sup>9</sup> (Ndagano, 1996, p.11 ;12).

Assim como assinala o crítico, é importante ressaltar o quanto a dramaturgia de Stéphenson é lírica e delicada também, conforme se pode ver na peça em questão. No caso de *La Nouvelle Légende de D'Chimbo*, encontra-se uma parte da história da Guiana Francesa nesse personagem que é descrito pelos viajantes franceses, sobre o gabonês D'Chimbo, que teria desembarcado em Caiena, no dia 26 de setembro de 1858 para trabalhar na mineração de ouro, em uma empresa ligada à *Compagnie Aurifère et Agricole de l'Approuague* (Bouyer, 1867). D'Chimbo é descrito por Bouyer, um viajante francês do século XIX, como uma espécie de Hércules, dada a sua imensa força; no capítulo 4 de seu *La Guyane Française notes et souvenirs d'un voyage exécuté en 1862-1863*, « O dito bandido D'Chimbo, dito *rongou* -seus crimes, sua prisão, sua morte »<sup>10</sup>, narra diversas histórias de violência, até a sua prisão e morte, conforme sinaliza o título do capítulo, desse terrível africano com força de um touro e de beleza infantil.

A chegada de negros africanos “no país da Guiana”, como se chamava, estava ligado ao Decreto do Ministério da Marinha e das colônias, de 1852. Endossados pelo príncipe presidente Luís Napoleão Bonaparte, autorizavam e organizavam a imigração para as colônias a fim de compensar a deserção de assentamentos por escravizados libertos e ofereciam contratos de trabalho aos imigrantes<sup>11</sup>. (Danglades, 2020, p.210). Dessa forma, esse homem negro é trazido para esse país desconhecido e, diante de histórias que foram repassa-

das de geração em geração, o terrível D'Chimbo passa, então, a fazer parte do imaginário do povo guianense. Esse é um personagem que está naturalmente presente no universo crioulo e foi igualmente tema para o romance do também guianense Serge Patient, que no seu *Le Nègre du gouverneur: chronique coloniale* (1978), retrata um ambicioso D'Chimbo, sendo nomeado sargento do governo, devendo caçar seus irmãos de raça. É considerado um dos romances mais importantes e fortes da Guiana Francesa sob a escravização de negros africanos, tendo obtido o Prêmio Carbet do Caribe em 2001.

Semelhantemente a Patient, Stéphaneenson apresenta uma narrativa de D'Chimbo forte e reveladora, pois mostra esse mítico gabonês como um outro homem, nem bandido, nem mocinho, mas, autêntico e integrado à sociedade crioula, haja vista ter se tornado em um homem honesto. Nessa criação, esse homem quer apenas trabalhar como garimpeiro para poder ter uma família. Todavia, o que se observa é que esse desejo pode estar simplesmente ancorando no âmbito de sua utopia, pois D'Chimbo sofre por diversos vieses, começando por seus próprios companheiros de trabalho, que o invejam por sua força e bravura, vindo a ser acusado por eles de ter roubado o ouro.

D'CHIMBO: Sim, claro..., o contrato é duro, mas eu nunca...

O CHEFE (INTERROMPENDO-O): Você vê, você confessa! Ouça, D'Chimbo, você assinou o contrato e estou aplicando. Você tem que trabalhar para mim e eu tenho o direito de fazer você trabalhar como eu quiser, quanto eu quiser.

D'CHIMBO: Mas não tenho nada para mim, nenhum dinheiro.

O CHEFE: Sem dinheiro? Eu lhe dou algumas moedas a cada trinta dias.

E nem preciso fazer isso já que você ainda não acabou de me reembolsar - no trabalho - o dinheiro da sua viagem!

D'CHIMBO: Eu trabalho aqui há tanto tempo! Quase dois anos! Não é possível! Eu nunca vou terminar de pagar o senhor e de reembolsar!

O CHEFE: Seus companheiros estão certos! Eu deveria tomar cuidado com você! Tu não

és um bom negro, D'Chimbo. Agora, de volta ao trabalho, preguiçoso!<sup>12</sup>. (Stéphenson, 1994, p. 31; ato1, cena II).

A citação nos revela um claro retrato das relações entre colono e escravizado, demonstrando o que Albert Memmi (2021) discutiu em seu *Retrato do colonizado precedido do Retrato do colonizador*. Levando em consideração o imaginário da burguesia em relação ao proletariado e vice-versa, o escritor franco-tunisiano nos lembra que há um sistema de legitimação de privilégio, para o colonizador: o seu trabalho e do ponto de vista do colonizado: a penúria da sua ociosidade. “O retrato mítico do colonizado abarcará, portanto, uma inacreditável preguiça. O do colonizador o gesto vertical pela ação” (Memmi, 2021, p.117). Não seria exatamente esse quadro que se vê nessa cena? O patrão vê D'Chimbo como um preguiçoso e ladrão. Já nesse último caso, acusado por seus companheiros, muito provavelmente, tomados pela inveja da força do acusado e tão vítima quanto os companheiros; e, então, a situação nos leva a Fanon (2022) e *os Condenados da terra* uma vez que o próprio oprimido se sente em condição de também oprimir e escravizar (com a mentira) o seu irmão de sofrimento.

*La Nouvelle Légende de D'Chimbo* é uma obra que evoca, portanto, questões de racismo e de colonização/escravização dos africanos. Para além disso, conforme Mbembe (2019):

Frantz Fanon (1968) em *Os condenados da terra*, caracterizando o que seria a espoliação dos corpos e do território através de demarcações de fronteiras, mapeamentos, proibição de acessos a certas zonas, a invenção de uma estrutura destruindo outra, tanto no sentido físico como nos códigos de conduta e ideia de posse. (Mbembe, 2019, p. 370)

A peça provoca outras reflexões como a já citada questão da língua crioula como marca de resistência, tendo-se um homem hierarquicamente inferior que domina a língua do branco, quando este não domina a sua, o que lhe daria um status de superioridade, caso fossem

outras línguas, ditas superiores. Há ainda uma questão identitária muito evidente, pois esse homem é africano e passa, então, a povoar o imaginário do povo da Guiana Francesa, como afirma Ndagano (2004).

Do ponto de vista da literatura, essa obra seria uma importante representante da força da negritude na literatura antilhana:

Assim, a negritude nas Antilhas denunciava primeiramente o sentimento alienado do “mulato”, da “burguesia de cor” cuja única paixão parecia ser “a assimilação”, a imitação do homem branco, o “branqueamento” da raça, posturas que Jules-Marcel Monnerot denunciava na revista [*La Revue du Monde noir/ Revista do Mundo Negro*] e que Frantz Fanon analisará em *Pele negra, máscaras brancas*, em 1951. René Ménil, em *Légitime Défense*, estigmatizava “o escritor antilhano de cor” que “nega sua raça (p. 7). *Légitime Défense* como *Tropiques*, uma década depois, tem dimensão política e literária<sup>13</sup> (Chancé, 2005, p. 25)

A leitura de *La Nouvelle Légende de D’Chimbo* nos permite um confronto com a nossa própria realidade brasileira; assim, nos deparamos com as (quase) intransponíveis barreiras culturais, bem como com os traços da colonização em nosso país, que ainda vive dias de enfrentamento do racismo. Todavia, um novo Brasil parece está sendo construído com ministros e ministras negros e indígenas, o que nos sinaliza um maior engajamento para tentar eliminar anos de subjugamento social para com os “condenados da terra”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ler Élie Stéphenon é, por certo, uma descoberta de um escritor revolucionário e lírico, mesmo dentro da sua resistência revolucionária. Ainda que seja pouco conhecido no Brasil, felizmente, há um empenho de pesquisadores de fazê-lo ser lido nas nossas terras (como este dossiê sobre a sua obra). Muito provavelmente, o pouco conhecimento que se tem da obra desse autor guianense aponta para uma grande brecha na nossa formação literária de América Latina, pois como

ele mesmo afirmou em entrevista a Ielpo e Weigel, (2022), vivemos isolados. Mas, esse homem é um ‘mundo-ilha’, sem fronteiras; pois, como afirma Ette (2018, p. 149): “Também a ilha como campo, como microcosmo de um mundo-ilha, é uma parte daquele mundo insular cuja relacionalidade externa deve ser nosso foco final”. É urgente que se conheça esse autor ‘mundo-ilha’; embora os espaços de circulação de sua obra ainda sejam muito limitados. Provavelmente, um dos espaços mais completos da obra de Élie Stéphenon é o site *Ile-en-île*<sup>14</sup>, no qual se pode ter acesso ao catálogo das obras do autor, confirmando-se, dessa forma, essa figura ‘mundo-ilha’, pois mesmo que não viva em um espaço comumente chamado de insular como as pequenas Antilhas, a Guiana Francesa tem uma costa atlântica bastante importante geograficamente. Esse mar aberto nos faz ver, por analogia, um autor aberto para o mundo, sendo, portanto, um expressivo exemplo do que chamei de ‘autor mundo-ilha, pois para ele, não há delimitações territoriais, não obstante as fronteiras existam, elas estão se reconfigurando todos os dias como em um movimento irrefreável.

O autor que até gostaria de publicar em espanhol, segundo ele mesmo, em entrevista a Ielpo e Weigel (2022), é um autor que revela o quanto a América Latina precisa estar em maior diálogo e, sobretudo, o quanto a Guiana Francesa precisa se aproximar dos países latino-americanos, ficando isolada no bloco sul-americano; e, para ele, a metrópole (a França) ainda é a grande responsável por esse isolamento pelo qual vive esse Departamento/ Região Ultramarina, haja vista na América do Sul, apenas ali se falar a língua francesa em meio a uma população de mais de 400 milhões de habitantes 239.648 habitantes, que falam outras línguas como espanhol, inglês, guarani e outras<sup>15</sup>.

Em guisa de conclusão, trago mais uma ponderação de Ndagano (1984, p. 10)<sup>16</sup>, ao evocar o prefácio da obra de Camus para a célebre coleção *La Pléiade*, então, afirma: “A importância de uma obra não vem da inteligência de seu autor, mas da força de seu caráter, da capacidade que tem de dizer não ou dizer sim’ Guardadas as devidas proporções, podemos fazer a mesma observação

a respeito de outro rebelde: Stéphenon”. (Ndagano, 1984, p.10). Como afirma o pesquisador, pode-se guardar as proporções, mas, sem dúvidas, esse guianense pode sim, ser considerado um homem revoltado, na melhor acepção desse termo, no mesmo sentido de Albert Camus.

Para concluir, retomamos aqui as noções ligadas ao territorial, continental e contínuo como um incoercível espaço de transformação, pois as mobilidades são uma realidade. Por todo o planeta as descontinuidades incitam novas formas de ver a literatura. Logo, as culturas do mundo; e, nesse lugar, Élie Stéphenon ocupa um espaço privilegiado, de modo especial, quando se consegue vislumbrar a potência da sua obra múltipla e capaz de provocar reflexões indispensáveis para qualquer parte do planeta.

## REFERÊNCIAS

- Bouyer, F. (1867). *La Guyane Française notes et souvenirs d'un voyage exécuté en 1862-1863*.
- Césaire, A. (2020). *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Claudio Willer. Ed. Veneta. São Paulo.
- Chancé, D. (2005). *Histoire des littératures antillaises*. Paris, Ellipses.
- Fier d'être Guyanais et vous ?* (2023). Disponível em <<http://www.fierdetreguyanais.com/folklore/elie-stephenon/>>
- Danglades, M. (2020). La caricature ou le mystère des mots bourdonnant aux oreilles dans le Nègre du Gouverneur de Serge Patient. *Quêtes littéraires* nº 10, 2020. p. 209-210.
- Ette, O. (2018). *Escrever Entre Mundos: Literaturas sem morada fixa*. Trad. Rosani K. Umbach, Dionei Mathias, Teruco Arimoto Spengler. Ed. UFPR. Curitiba.
- Ette, O. (2019). As literaturas do mundo: condições transculturais e desafios polilógicos de um conceito prospectivo. In Melo, A. M. L., Andrade, A. *Translinguismo e poéticas do contemporâneo*. Ed. 7 Letras. 21-40.
- Flory, C. (2016). Les migrations de travail à destination de la Guyane et des Antilles françaises: Sociétés post-esclavagistes, macule servile et genre. In *Esclavage et subjectivités : dans l'Atlantique luso-brésilien et français (XVII-XX siècles)* [en ligne]. Marseille : OpenEdition Press, 2016 (généré le 02 avril 2023). Disponible sur Internet : <<http://books.openedition.org/oep/1499>>.
- Ielpo, R. S., Stephenson, É., Weigel, F. (2022). O teatro é primeiramente uma arma política: entrevista com Élie Stephenson. *Cadernos de literatura em tradução*, (25), 259-272.
- Juminer, B. (2022). Prefácio da edição original. *Catacumbas de Sol*. Tradução e posfácio de Dennys Silva-Reis. Lexikos. São Paulo.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. Traduzido por Renata Santini. São Paulo: n-1 edições.
- Memmi, A. (2007). *Retrato do colonizado precedido do Retrato do colonizador*. Tradução: Marcelo Jacques de Moraes. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.
- Ndagano, J.M. (1996). Préface de *La nouvelle légende de D'Chimbo suivi de Massak*. Ibis Rouge Éditions, Matoury.
- Silva-Reis, D. (2021). Sobre a guianidade literária de expressão francesa – prelúdio temático. *Revista Communitas*, n. 10, 79-92, 2021.
- Silva-Reis, D. (2022). Posfácio. In Stéphenon, É. (2022). *Catacumbas de Sol*. Tradução e posfácio de Dennys Silva-Reis. Lexikos. São Paulo
- Stéphenon, É. (2022). *Catacumbas de Sol*. Tradução e posfácio de Dennys Silva-Reis. Lexikos. São Paulo.
- Stéphenon, É. (2004). *Jean Sanfou et la princesse Beldjal* <<https://www.yumpu.com/fr/document/read/40286182/jean-sanfou-et-la-princesse-beldjal-ademe-guyane>>
- Stéphenon, É. (2004). *La nouvelle légende de D'Chimbo suivi de Massak*. Ibis Rouge Éditions, Matoury.
- Vergès, F. (2017). Afriques océaniques, Afriques liquides. In Mabanckou, A. *Penser et écrire l'Afrique aujourd'hui*. p. 60-71. Seuil. Paris.

## NOTAS

- 1 Após os exílios/ Em longitudes diferentes/ eles regressavam ao país/ rígidos... frustrados. / bordavam em suspiro/ suas decepções lá/ o cristal de seus sonhos / e o amor do “regional”. / A nostalgia esbranquiçou seu bigode/ falamos de Nós por gestos distantes/ com o desdém dos amantes abandonados/ a amargura em seu coração/ cavou uma tumba (Élie Stéphenon, 2022, p. 27; tradução de Dennys Silva-Reis).
- 2 É importante notar que essa noção de *Coolitude* é originada do termo *coolie* que faz referência aos trabalhadores braçais de origem asiática, nos séculos XIX e XX.
- 3 As traduções são de minha autoria, salvo quando cito o tradutor: Élie Stephenson, poète délicat, à la voix brisée suite à des problèmes de santé, est autant tendre et amoureux de vers qu'il peut se déchaîner quand il choisit la scène comme moyen d'expression. Dramaturge révolutionnaire, violent, de cette violence damassienne qu'il revendique, il est porteur de la « torche de résine ». Il s'engage aux côtés des Mandela, d'Amílcar Cabral (Comme des gouttes de sang), du Che, de Lumumba et d'autres « héros du peuple » (La conscience du feu). Stéphenon ne verrait pas d'inconvénient à publier en espagnol. (Gyssels, 2023).

*Comme des gouttes de sang* (Como gotas de sangue, ainda sem tradução publicada).

*La conscience du feu* (A consciência do fogo, ainda sem tradução publicada).

- 4 [...] il fait bon près du fleuve/ il fait bon dans la brousse/ alors allumez/ les grands feux de boucane/ les grands feux de savanes/ les grands feux d'amitié/ il fait noir dans la haine/ il fait noir au charnier [...] (Stéphenson, 1979, p. 13). Antologia traduzida para o português por Dennys Silva-Reis.
- 5 « Une civilisation qui s'avère incapable de résoudre les problèmes qui suscite son fonctionnement est une civilisation décadente » (Césaire, 2004, p.7). A tradução aqui utilizada foi publicada no Brasil em 2020, feita por Cláudio Willer.
- 6 C'est une histoire, vieille comme le monde. Plus vieille même que le monde pourrait-on dire. Car à l'époque où elle se passe, le diable lui-même n'était encore qu'un nouveau-né.  
Mouché krik ! Mouché Krak !  
Sa zandoli ka pohé ? Fo kol!  
(Stéphenson, 2004, p.1)
- 7 Ne vous en déplaie beau prince, je ne saurais épouser un homme qui maltraite la nature, l'abime, la dégrade et méprise ainsi le Patrimoine naturel que les ancêtres lui ont légué. (Stéphenson, 2004, p. 3).
- 8 1. Leurs chants célèbrent d'abord la révolte du nègre marron (Simon, Pompée, par exemple, dont il sera question dans la Nouvelle Légende de D'Chimbo et Massak) qui ont montré, par leur courage, le chemin de la liberté. Damas, dont la photo domine la pochette de leur unique disque (un 45 tours) et auquel ils dédient plusieurs chants<sup>7</sup>, est leur modèle, leur père spirituel.  
2. Les Nèg'marrons célèbrent la Guyane traditionnelle, paysanne et solidaire mais aussi leurs origines africaines, que l'on occulte en cette période où l'on parle abondamment de l'antillanité et de la créolité.  
3. Comme Stéphenson, dans sa poésie et dans son théâtre, « lever la Guyane » doit être la préoccupation de tous, et ceci passe par la prise de conscience des Guyanais en tant que peuple. Les Nèg'marrons espèrent que la Guyane, « pays de rien » (pensons à la pièce *Un rien de pays*), changera « quand le peuple prendra conscience de lui-même, quand il se lèvera ».  
4. Les Nèg'marrons invitent eux aussi au retour des Guyanais au pays, allusion à tous ceux qui, après leurs études, préféreraient rester en France ou travailler dans l'administration en Afrique... C'est le thème de la chanson Vié frère (littér. : Vieux frère), mais aussi celui de la pièce Les Voyageurs.
- 9 Il est bien évident que le ton, et parfois la violence du verbe, auxquels on n'était pas habitué, ont certainement attiré un public nombreux dans les salles, mais aussi au dramaturge une image d'écrivain révolutionnaire. C'est malheureusement cette seule image de l'écrivain engagé et révolutionnaire qui est restée dans la conception de ses compatriotes. Mais au-delà de cette écriture engagée, il y a le talent poétique que l'on aura déjà perçu dans ses plaquettes de poésie et qu'on retrouvera dans son théâtre (Ndagano, 1096, p.11 ;12).
- 10 Le brigand D'Chimbo, dit le rongou -ses crimes, son arrestation, sa mort (Bouyer, 1867, s/p). (NT : Rongou é pessoa nascida em uma tribo africana no Gabão).
- 11 [...]entérinés par le Prince Président Louis Napoléon Bonaparte, autorisaient et organisaient l'immigration dans les colonies pour pallier la désertion des habitations par les esclaves libérés et offraient par là-même aux immigrés des contrats d'engagement ». (Dangla-des, 2020, p.210)

12 D'CHIMBO : Oui, bien sûr..., le contrat est dur, mais je n'ai jamais...

Et je ne suis même pas obligé de le faire puisque tu n'as pas fini de me rembourser -en travail- l'argent de ton voyage !

LE PATRON (LUI COUPANT LA PAROLE) : Tu vois, tu avoues !

Ecoute, D'Chimbo, tu as signé le contrat et moi je l'applique. Tu dois travailler pour moi et j'ai le droit de te faire travailler comme je veux, autant que je veux.

D'CHIMBO : Mais je n'ai rien pour moi, pas d'argent.

LE PATRON : Pas d'argent ? Je te donne

quelques pièces tous les trente jours.

D'CHIMBO : Depuis ce temps que je travaille ici ! Bientôt deux ans !

C'est pas possible ! Je ne vais jamais finir de vous rembourser !

LE PATRON : C'est ça, dis que je te vole, dis que je suis un voleur !

D'CHIMBO : Je n'ai pas dit ça !

LE PATRON : Tes camarades ont raison ! Je devrais me méfier de toi !

Tu n'ès pas un bon nègre, D'Chimbo. Maintenant, au boulot, fainéant

(STEPHENSON, 1994, p. 31; ato 1, cena II)

13 Ainsi, la négritude aux Antilles, dénonçait d'abord le sentiment aliéné du « mulâtre », de la « bourgeoisie de couleur » dont l'unique passion semblait « l'assimilation », l'imitation de l'homme blanc, le « blanchiment » de la race, postures que dénonçait Jules-Marcel Monnerot dans la revue et qu'analysa Frantz Fanon dans *Peau noire, masques blancs*, en 1951. René Ménéil, dans *Légitime Défense* encore, stigmatisait « l'écrivain de couleur antillais » qui « renie sa race (p. 7). *Légitime Défense* comme Tropiques, une décennie plus tard, a une dimension politique et littéraire (Chancé, 2005, p. 25)

14 <http://ile-en-ile.org/stephenson/>

15 Dados do portal Latino-americano: <https://sites.usp.br/portallatinoamericano/espanol-guayana-francesa>

16 « L'importance d'une œuvre ne vient pas de l'intelligence de son auteur mais de la force de son caractère, de la capacité qu'il a de dire non ou de dire oui ». Toutes proportions gardées, nous pouvons faire le même constat concernant un autre révolté : Stéphenson. (Ndagano, p. 10).

## O AUTOR

### Josilene Pinheiro-Mariz

É graduada em Letras (Português-Francês) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), mestra e doutora em Letras (Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, e Pós-Doutorado pela Universidade Paris 8 - Vincennes-Saint Denis. É professora associada da Universidade Federal de Campina Grande, atuando na graduação em Letras- Língua Portuguesa e Língua Francesa e na Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (Mestrado e Doutorado).

E-mail: [jsmariz22@hotmail.com](mailto:jsmariz22@hotmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4879-579X>